

CORONAVÍRUS – SENTIDOS EM CIRCULAÇÃO: DO LABORATÓRIO ÀS DISCURSIVIDADES SOCIAIS

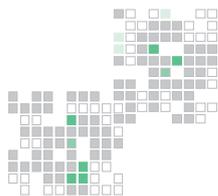
CORONAVIRUS – MEANINGS IN CIRCULATIONS FROM LABORATORY TO SOCIAL DISCURSIVITIES

CORONAVIRUS – SENTIDOS EN CIRCULACIÓN: DEL LABORATORIO A LAS DISCURSIVIDADES SOCIALES

Antônio Fausto Neto

■ Professor Titular no PPG em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Doutor em Sciences de La Communication Et de L'information pelo École des Hautes Études en Sciences Sociales, França (1982). Seus trabalhos mais importantes : Comunicação & Mídia Impressa – Estudo sobre a AIDS (1999), Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? (2013), e Da convergência/divergência à interpenetração (2016).

■ E-mail: afaustoneto@gmail.com



RESUMO

Análise do coronavírus a partir de imagens criadas em laboratório, segundo operações cujos sentidos circulam discursivamente na ambiência midiaticizada. À circulação dessas primeiras referências, agregam-se outros significantes engendrados por práticas sociais. Examina-se suas trajetórias segundo estratégias comunicacionais e discursivas e, também, seus efeitos sobre o surgimento de estudos comunicacionais.

PALAVRAS-CHAVE: CORONAVÍRUS; MEDIATIZAÇÃO; SENTIDOS; CONHECIMENTOS.

ABSTRACT

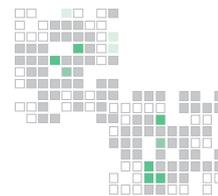
This paper analyzes the coronavirus pandemic based on images created in laboratory, according to operations whose meanings circulate discursively in the mediated ambience. The circulation of these first references is added to other signifiers engendered by social practices. Also examine their trajectories according to communicational and discursive strategies as well as their effect on the emergence of communication studies.

KEY WORDS: CORONAVIRUS; MEDIATIZATION; MEANING; KNOWLEDGE.

RESUMEN

Análisis del coronavirus a partir de imágenes creadas en laboratorio, conforme a operaciones cuyos sentidos circulan discursivamente en el ambiente mediatizado. A la circulación de esas primeras referencias se le agrega otros significantes engendrados por prácticas sociales. Son examinadas sus trayectorias a partir de estrategias comunicacionales y discursivas, además de sus efectos en el surgimiento de estudios comunicacionales.

PALABRAS CLAVE: CORONAVIRUS; MEDIATIZACIÓN; SENTIDOS; CONOCIMIENTOS.



1. Nota introdutória

“A imagem está lá fora... fazendo seu trabalho”
(*New York Times*, 1/4/2020)

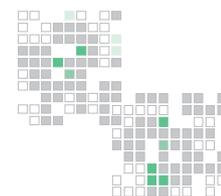
Notícia publicada no *New York Times*, de 1º de abril deste ano de 2020, relata a “gênese” da primeira imagem do coronavírus: ilustradora médica revela como foi criada a fotografia do causador da “COVID-19”. Alissa Eckert, ilustradora médica do Centro de Controle de Prevenção de Doenças – CDC (Estados Unidos), foi solicitada, nos primeiros dias de janeiro, por colegas de trabalho a criar uma ‘identidade’ que pudesse ao mesmo tempo ensinar a representação icônica do coronavírus e chamar atenção do público para sua existência. Para ela, tratava-se apenas de rotina, a exemplo de desenhos realizados anteriormente, que foram veiculados em mídias regionais ou locais. Explica a ilustradora que o processo de reconstituição se apoiou em um software, dispositivo em que, conforme sua avaliação, “toda a mágica acontece”. Fixou-se - disse ela - em uma pose fatal: “um close detalhado e individual do agressor” ... Resultaria a imagem de uma “bola” cuja superfície era constituída por micro relevos nomeados como proteínas entrelaçadas, cuja conformação visaria possibilitar compreensão das ações do vírus sobre o organismo. Estava produzida a ilustração médica que deu rosto ao coronavírus (Fig.1). A partir daí, segundo ela, “a imagem está lá fora fazendo o seu trabalho.”

Um mês após, o comunicado de um outro serviço especializado anunciava em caráter mais declarativo e assertivo: “agora conhecemos a ‘cara’ do SARS-COV2- vírus da COVID-19 (...)”. Emergiriam de imagens microscópicas do Instituto Nacional de Alergias e Doenças Infecciosas” (*Revista Galileu Galilei*, 13/2/2020). Se a nota de um destes serviços era enfática ao associar a existência do vírus a uma imagem por ele reproduzida, o primeiro comentário parecia mais modesto. Além de ato de rotina anunciava-se, de

modo enigmático, que havia um trabalho a ser feito pela imagem “lá fora”, em lugar, porém, não especificado...

Os dois relatos chamam atenção para a singularidade da vida em laboratório (Latour e Woolgar, 1995) como complexa ambiência na qual se produzem protocolos técnicos para engendrar realidades capturadas que, em seguida, ganhariam outros contextos. São processos permeados por operações de sentido de várias naturezas, inclusive as que envolvem lógicas das mídias e de midiaticização (Braga, 2015). Estes se transformam em “insumos” sem cujo concurso seria impossível transformar inovação em acontecimento. Meios e processos de comunicação não são apenas reprodutores de acontecimentos, conforme se atribuía aos mass medias, há quase 40 anos, quando do advento da AIDS (Fausto Neto, 1999). Mais que isso, eles tiveram na eclosão da AIDS uma outra atividade, a da ‘gestão’ de trabalho simbólico envolvendo vínculos com diferentes práticas de campos sociais concernidos por esta problemática. Resulta do trabalho de noticiabilidade por eles realizado, a noção de uma “doença da atualidade” ao reconhecer-se incidências de lógicas dos meios sobre sentidos atribuídos à AIDS (Veron, 1988).

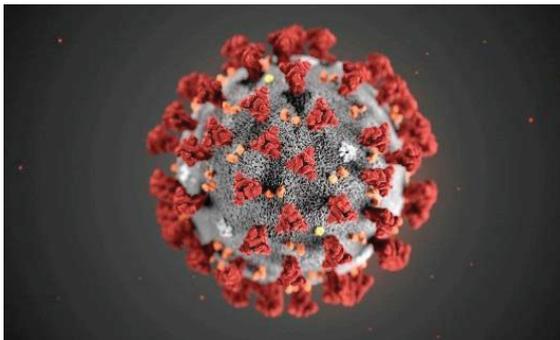
A problemática comunicacional na qual se situa a existência do coronavírus é de uma outra natureza, uma vez que sua “gênese discursiva” já se dá em ambientes sócio-técnico-científicos também permeados por tecnologias e operações de comunicação, de onde circulam para a ambiência da midiaticização (Gomes, 2017). Nesta, suas práticas discursivas possibilitam outras formas de expressão, referência e inteligibilidade, distintas daquelas das gramáticas engendradoras, enquanto referências específicas ao ambiente do seu universo produtivo. A midiaticização não apenas é solo, mas “condição de produção” para a “gênese discursiva” do vírus (Fausto Neto, 2015; Cingolani, 2014).



1.1 Dois Processos

Os procedimentos de especialistas de laboratórios, veiculados por notícias, descrevem, ainda que de modo breve, singularidade de trabalho enunciativo realizado em ambientes de pesquisas sobre doenças infecciosas nos quais são dados os primeiros passos de midiaticização do coronavírus, segundo vínculos entre seus processos de investigações e de produtos que se vinculam às lógicas e operações midiáticas. São protocolos que mesclam processos investigativos apoiados em tecnologias de informação com finalidades e objetivos convergentes, mas cujas lógicas acionadas apontam singularidades e efeitos distintos nas estratégias através das quais se nomeia a existência do coronavírus. Ambas as construções indicam mediações que aportam pressupostos comunicacionais no trabalho enunciativo sobre o vírus. O primeiro busca a sua “reconstituição icônica”, valendo-se para tal, de uma mediação informática, com a finalidade que visa designar um objeto imediato, conforme alude-se na figura 1.

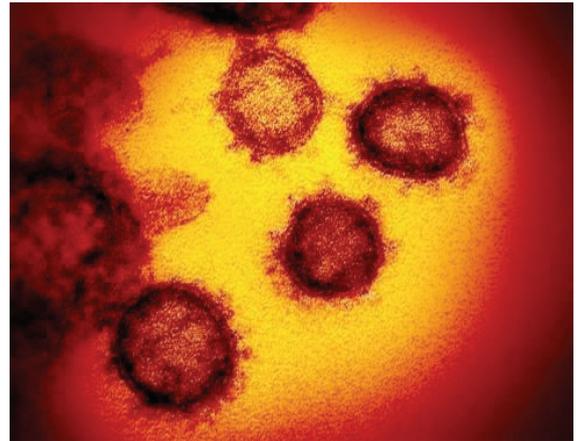
Figura 1. Eis o Corona...



Fonte: Jornal O Globo Online, RJ – Acesso em 4/10/2020

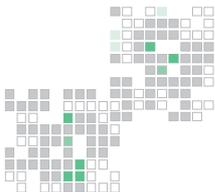
O segundo registro, apoia-se também em tecnologias computacionais de imagens microscópicas capturadas de células visando conhecer a “cara” do vírus, enquanto prova de um real que lhe conferiria existência e identidade (figura 2).

Figura 2. A “cara” do vírus



Fonte: Revista Galileu Online, RJ – Acesso em 4/10/2020

São dois protocolos dos quais emergem efeitos de sentidos que resultam de trânsitos de signos e que se deslocam de ambientes científicos para os de natureza midiática. Migram da experimentação para trabalho enunciativo de discursos acerca dos seus inventos, o que significa reconhecer funcionamento e mudança nos lugares de fala de enunciadores – da produção da pesquisa para um outro que diz respeito a relatos sobre investigações realizadas. Conforme fragmentos narrados, além de explicarem imagens sobre seus inventos, fazem, segundo relatos de natureza testemunhal, o anúncio da “boa nova” compartilhando-a, ao mesmo tempo, com vínculos com o tecido social, via meios jornalísticos. A enunciação do primeiro registro destaca o percurso sobre os “achados” de um ato de rotina e cuja complexidade, em termos de sentidos, dependeria também do trabalho de circulação que a imagem do vírus faria lá fora... O segundo faz um relato mais afirmativo e, segundo uma enunciação que atribui a existência da identidade do vírus à própria dimensão temporal na qual o enunciado é proferido: “agora, conhecemos a cara do SARS Cov2 - 19” (Revista Galileu, 13/2/20). De alguma forma, estes anún-



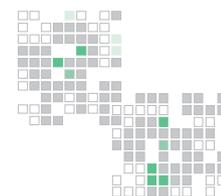
cios complexos misturam-se à temporalidade na qual a OMS faz primeiras revelações da ocorrência do primeiro caso de pessoa afetada pela COVID-19, na China, e antecede seu informe de reconhecimento da pandemia. Lógicas e operações de mediação eram acionadas em laboratórios para antecipar a materialização imagética do vírus, como prova de sua existência. Através da matéria significativa o vírus ganha forma e primeiras narrativas, com distintas representações. Uma delas destaca suas primeiras feições - “cara”, enquanto principal prova de referência identitária. A segunda, destaca operações (“pose fatal”) das quais resultariam a corporeidade do vírus, cujas referências passam a ser dinamizadas por outras trajetórias de circuitos de produção de sentidos. Como, por exemplo, aqueles engendrados “lá fora”, na circulação – onde práticas discursivas cuidariam de suas rotas na ambiência da mediação.

Estas duas estratégias enunciativas com que se desencadeia o trabalho de atribuição de referência ao coronavírus chamam também atenção a instâncias nas quais se dão para a sua “gênese”, em termos discursivos, onde desponta sua “cara” apontando um objeto imediato. A partir desta designação, ganha novos sentidos e contornos, ao se tornar um objeto dinamizado, recebendo novas inserções e nomeações que emanam de vários imaginários e de circuitos de práticas sociais, já no âmbito da circulação discursiva. As duas designações cuidam, assim, de levar o coronavírus adiante, sendo transformado em novos objetos, segundo práticas de sistemas e de atores sociais que dele se apropriam, via estratégias e ações comunicacionais, conforme descreveremos a seguir.

1.2. O desembarque na mediação

Reflete-se sobre alguns cenários e situações que envolvem a circulação do coronavírus do ponto

de vista comunicacional, levando-se em conta: a importância que esta matriz tem como dimensão explicativa e descritiva para se entender fundamentos que nortearam ações e relações entre práticas diversas de combate ao vírus; sua ocorrência no complexo contexto de uma sociedade na qual todas as práticas sociais são afetadas por operações e lógicas da mediação; e ainda, a singularidade do trabalho de novos e velhos meios na reconstituição de contato entre segmentos sociais, no contexto no qual se dão rupturas de circuitos entre atores, instituições, etc. ensejadas pelas políticas e efeitos de confinamento social. Para tanto, entende-se que a compreensão sobre a disseminação do vírus, e dos seus efeitos, envolve três níveis de ações comunicacionais: o primeiro que caracteriza sua disseminação, enquanto deslocamento que se faz em dinâmicas de circulação; o segundo que defende os efeitos de sua circulação, via a suspensão de contatos e de interação entre os atores sociais; e um terceiro, sinalizando que, a despeito da crença sobre efeitos dos apelos (unilaterais) de contenção do contato e da mobilidade social, a sociedade constrói outros protocolos interacionais em dissonância com os apelos diretivos pró-confinamento. Sabe-se que tais “desajustes” entre lógicas distintas resultam das diversas situações de heterogeneidades (sócio-discursivas) que caracterizam a estrutura da organização social e os processos simbólicos dos quais se valem os atores para pôr em ação suas estratégias, inclusive aquelas que se reportam aos modos de combater o vírus. Muitas das ações propostas já se situavam de modo longínquo e equidistante, da cotidianidade e das adversidades vivenciadas por muitos coletivos, especialmente aqueles que enfrentam desafios profundos nas lutas pelas condições de vida (moradia, trabalho, saúde, educação, transporte etc.), além de outros equipamentos fundamentais.



2. O vírus segundo três matrizes

O “desembarque” do coronavírus se dá em uma ambiência cuja organização social difere-se hoje, substancialmente, de cenários anteriores quando se deram manifestações de outros vírus, inclusive o HIV, há mais de 30 anos. Este eclodiu em um contexto de práticas comunicacionais, entre diferentes campos sociais, voltadas para compreender a natureza, funcionamento e efeitos, de uma problemática emergente e que surgia revestida de múltiplas leituras e de uma diversidade de interpretações. A AIDS encontrou nos *mass media* uma espécie de “elo intermediário” de construções de discursividades entre instituições e o mundo dos atores, numa espécie de gestão de circulação de sentidos, segundo “contratos de leituras” os mais diversos. (Fausto Neto, 1996 e 1999) Mas, a sociedade não ficou situada como uma instância expectadora na medida em que nela foram desenvolvidas ações orientadas por discursos – programáticos, associativos, instrucionais (religioso, sanitário) etc.–, segundo pautas que eram encaminhadas em torno de campanhas, conforme apelos distintos e tematizados por diferentes coletivos.

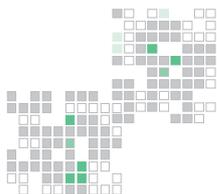
Vale lembrar que práticas discursivas que implementavam diferentes ações de prevenção associavam a AIDS à matriz comunicacional, ao destacar a instância do “contato interpessoal” como fonte geradora de suas manifestações. Ou seja, a disseminação e as formas de prevenção contra o avanço do vírus, não obstante se constituírem em uma doença da atualidade, em termos de seus efeitos discursivos (Verón, 1988), estariam associadas também a uma problemática mais complexa que envolvia aspectos de interação e de comportamento social.

De um modo distinto, o coronavírus está também envolto em outros fundamentos e ações comunicacionais, na medida em que seu potencial de transmissibilidade está associado a outras dinâmicas circulatórias. Manifesta-se através

da emissão de gotículas ou pela transmissão de partículas líquidas por parte de uma pessoa infectada, ao tossir, falar ou espirrar. A estratégia para combatê-lo, proposta em caráter planetário, se fundaria no estabelecimento do anti-contato, indicando-se como observância a distância entre os indivíduos e, conseqüentemente, a institucionalização do isolamento como possibilidade de interrupção do avanço das trajetórias do vírus. A complexidade do vírus está assim associada a outra natureza de contato - em termos de interações sociais - instância junto a qual o vírus encontraria o seu nicho potencial para a disseminação.

Tais fundamentos disseminam-se na sociedade através de discursos de saúde pública, mas são apropriados de modos distintos por parte dos sistemas sociais, segundo lógicas que apontam para diferença de modelos interacionais em conflito. Possivelmente, um aspecto que aponta a natureza de complexas conflitualidades, reside no fato de que o vírus ingressa em uma organização social cuja ambiência se tece através de uma outra matriz comunicacional, a da mediação da sociedade, cujas lógicas se situam em oposição ao discurso anti-contato. Ao invés de operar segundo regulações, até então estabelecidos por princípios e fronteiras de campos sociais, a ambiência da mediação é constituída progressiva e complexamente, por outros tipos de processos de sociabilidade resultantes de ações e operações tecno-comunicacionais que, transformadas em meios, afetam de modo heterogêneo todas as práticas sociais, segundo efeitos de feedbacks não lineares.

Estamos diante de um complexo cenário no qual, conforme lembrado pela criação metafórica atribuída ao trabalho feito pela imagem do vírus, conhecimentos se interligariam visando explicar sua existência e funcionamento na organização social. Do ponto de vista de matrizes comunicacionais, operariam neste cenário três distintas dimensões associando o vírus e seus efeitos, às



condições de circulação de sentidos. A primeira diz respeito à própria circulação do vírus, que está associada às condições existentes para sua transmissibilidade e que ressaltam elementos condicionantes (causais) para sua manifestação etc. A segunda apresenta o isolamento social como forma de combate, mediante a supressão das formas de contato (circulação), nos seus mais variados formatos, com a consequente instituição da distância social como elemento regulador/realizador da interação. E a terceira diz respeito aos complexos efeitos, resultantes da segunda dimensão. Estes manifestam-se segundo leituras e experimentações que outros sistemas sociais (política, educação, religião, esporte, associativismo, científico etc.) bem como o ambiente dos atores sociais fazem, ao avaliar as condições da implementação destas orientações. Destacam-se inevitáveis “desajustes” entre lógicas e postulados entre a proposição do isolamento e as condições de sua implementação, na medida em que esta medida é proposta como princípio e gramática geral, mas quando migra para a diversidade da realidade social, defronta-se com outras construções e realidades, enquanto “gramáticas” diversas, apontando limites e desafios para sua observância.

Pensamos que emergem desta “negociação” de matrizes, em torno do combate ao vírus, várias outras experimentações e ocorrências quando a organização social se defronta com o vírus, enquanto: ameaça e presença; os postulados em oferta, para combatê-lo; e as estratégias geradas por diferentes instituições e atores, segundo lógicas e especificidades de suas realidades. No item abaixo apresentamos registros que descrevem alguns efeitos de sentidos, no cenário de tentativas de combate ao vírus, e que emergem como elaborações equidistantes às lógicas presumidas pelo isolamento. Trata-se, apenas, de um breve registro de referências que não tem a ambição de se constituir em um inventário aprofundado da si-

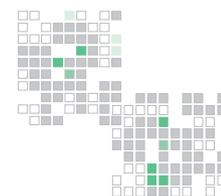
tuação. São observações coletadas junto a processos comunicacionais em alguns cenários de manifestações do vírus. De certa forma, mostram as leituras provocadas pelo “trabalho do vírus” e pelas estratégias - tentativas para combatê-lo, inevitáveis discontinuidades entre efeitos presumidos pelas teses pró-isolamento e leituras diversas que o tecido social faz sobre suas manifestações.

3. Transformações de ambiência e ambientes

O trabalho do vírus desencadeia na organização social mutações e transformações envolvendo: ambiências, rotinas, interações, práticas, produtos, serviços, processos e formas de aprendizagens, rituais etc.

Destacamos em primeiro lugar, dentre algumas transformações, situações através das quais os sistemas sociais se apropriam do vírus em suas práticas, suas interações e, principalmente, nas suas discursividades, em contextos de cooperação e/ou de conflitualidades (Morin, 2020; Harari, 2020).

Quando o vírus ingressa no território dos sistemas sociais sofre injunções de suas configurações, racionalidades, ideologias e, principalmente, relações com seus objetivos. Nos diferentes contextos os sistemas desenvolvem formas de acoplamentos, segundo princípios de interpenetrações (Luhmann, 2009) em termos de relações, de modo que evocaremos registros alusivos a tal problemática no cenário do Brasil. Outra, a gestão da produção e circulação da noticiabilidade de acontecimentos complexos, por exemplo, uma pandemia, se constituía em uma ação solitária ou hegemônica dos *mass media*. Havia relações entre as temáticas emergentes e a sua tematização pelos meios de comunicação, diante do potencial destes para impor seu protagonismo, em termos de noticiabilidade. De um modo geral, as ações midiáticas desenvolveram no contexto do coronavírus, práticas discursi-



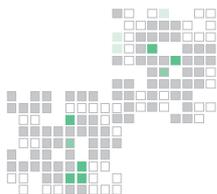
vas em sintonia com singularidades de pautas de outros sistemas. Defenderam discursividades convergentes quando vários sistemas (jurídico, associativo, educativo, dentre outros) acoplaram suas preocupações narrativas em defesa da tese sustentada pelo sistema de saúde pró-isolamento social. Diferentes sistemas se perfilaram em convergência com pauta pró-isolamento, uma vez ser o mesmo defendido pelas autoridades sanitárias, como a OMS, as autoridades brasileiras do campo sanitário, também pelo fato do Brasil se destacar como o segundo país em casos de óbitos provocados pelo vírus. Contudo, o governo federal destacou-se por sua discordância sobre a tese do isolamento, cujos efeitos produziram a demissão de dois ministros da saúde, além de explícitas declarações do presidente da República contrárias à sua observância. Em uma dentre tantas, chamou o isolamento social de “conversa mole” e disse que a campanha “fique em casa é para fracos” (Portal UOL, 18/9/2020).

Discordâncias desta natureza geraram efeitos de várias ordens, como a polarização entre instituições que se aliaram à tese da recusa do isolamento – como franjas dos sistemas econômico, midiático, religioso e político e redes sociais. E, em defesa das teses sanitárias, segmentos outros de sistemas midiático, religioso, político, principalmente os sistemas sanitário, científico, associativo e educativo. Posições sobre tais diferenças se engendraram em seus próprios territórios, mas, especialmente, no âmbito de discursividades que se entrelaçaram em práticas discursivas de várias naturezas. Ecos destas “estratégias de embate” migraram para o terreno e práticas de mediação, suscitados pelos efeitos da temática do isolamento, que geraram outros registros de embates, como: a adoção de medicamentos não recomendados, protestos contra fechamentos de templos e de escolas e contra suspensão de festas para evitar aglomeração, protestos contra realização de competições esportivas sem a presença de

públicos; redução do tempo de funcionamento de bares e restaurantes, suspensão de malhas de voos etc., que geraram inevitáveis repercussões em vários sistemas da sociedade.

Ecos da ocorrência do vírus repercutiram de modo particular em ambientes da vida privada nos quais tecnologias digitais vão se constituir em dispositivos estratégicos para restabelecer novas condições de contatos (“o novo do novo”) e que haviam sido “erradicadas”, no âmbito de suas interações sociais. É graças ao potencial de tecnologias transformadas em meio, que se dá a restauração/ transformação de práticas familiares, especialmente das classes com maiores poderes aquisitivos, que viveram a experiência do isolamento de modo distinto às classes populares. Elas tiveram condições de integrarem no seu cotidiano a criação e a diversidade de outras práticas e que se situavam nas fronteiras da sua existência (Beiguelman, 2020). É possível dizer que a organização espacial e doméstica da casa já se configura como algo que vai além deste cenário apresentado. Mais que isso, é possível admitir que emerge uma nova noção de família, cuja matriz e seus valores passam a depender também das injunções de tecnologias e de suas potencialidades para geração de novos processos interacionais. Perguntar-se-ia onde residiriam, neste contexto de ambiência familiar redesenhada pelas tecnologias, as fronteiras e interações do íntimo, privado e público? Possivelmente, este espaço da casa, agora tão permeado por múltiplas complexidades e funcionalidades técnicas, afetivas, culturais, desafia a constituição de processos formativos em termos de aprendizados, sobre o futuro da organização doméstica após pandemia.

Uma das maneiras através das quais a ambiência da mediação tem proporcionado, no contexto do isolamento, a manutenção do contato entre os atores sociais, tem se dado pelas transformações ocorridas nas rotinas dos próprios meios de comunicação. Se por um lado, o acesso

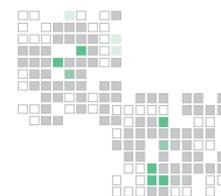


às tecnologias tem favorecido a determinado universo onde vivem atores sociais, formas outras de contatos e de mobilidades que transcendem sua movimentação pelas ruas e outros ambientes, observam-se, por outro lado, transformações qualitativas na atividade radiofônica em oferta. Além dos serviços de utilidade pública, o cotidiano da sua programação é transformado em espaço de conversação. Além da condição de fontes, ingressam neste espaço vários segmentos da sociedade como especialistas de várias áreas que se deslocam de consultórios especializados, para, via protagonização midiática, prover a sociedade de informações de caráter instrucional e educativo, acerca das ocorrências do vírus. Mudanças também ocorrem na experiência televisiva uma vez que tanto TV abertas como a cabo, modificam substancialmente suas rotinas e cuja programação informativa passa a ser feita segundo modelos enunciativos nos quais jornalistas não são apenas ventríloquos. Tornam-se atores investidos de competências que lhes possibilitam uma performance mais crítico-analítica sobre a pandemia, inclusive engrossando fileiras de segmentos de profissionais que estão diretamente engajados no combate à pandemia. Certamente tal mudança está em sintonia com a diversificação e complexificação dos mercados discursivos da tv, como efeito da internet. O mesmo acontece com os jornais ao ampliarem sua própria “analítica”, dialogando com leitores sobre suas edições, permitindo que a voz deles ingressem em suas páginas, além de lhes prestar orientações sobre serviços sobre o vírus, por eles ofertados.

4. Isolamento e apropriações de sentidos

Os efeitos suscitados por registros de falas que se originam na sociedade destacam-se como objeto de algumas observações. Geram complexas pistas a serem refletidas pelos formuladores e estrategistas de campanhas, na medida em que, de modo geral, não são aludidos em pesquisas so-

bre efeitos do isolamento. São falas que apontam para as condições de recepção de instruções institucionais em estratégias elaboradas pelos atores no sentido de compreender e enfrentar desafios para sua implementação, na esfera de sua própria situacionalidade. Vêm do âmbito do mundo da vida, registros sobre inevitável “desajuste” entre postulados de utilidade contidos em mensagens sobre o isolamento e as leituras feitas pelos atores sociais, povoadas por sentidos diversos e descontínuos, face ao discurso pró-isolamento. Em vários tipos de comunidades, moradores falam da impossibilidade de praticar o isolamento na medida em que, por exemplo, as casas em que vivem mais de 8 pessoas, dispõem apenas de três peças, interrogando-se como se pode respeitar nestes exíguos a observância da distância mínima apontada pelas recomendações sanitárias. Em comunidades com perfil mais isolado do tecido social mais amplo, o tema é para elas algo impermeável, pois este não pertence à memória da tradição do grupo. O isolamento é uma ameaça às atividades econômicas, na medida em que pode provocar a redução ou desaparecimento do emprego; fragiliza rotinas de grupos sociais que sobrevivem em torno de formas de sociabilidades forjadas na agregação/vivência em termos de apoios no âmbito comunitário. Escolas fechadas representam fontes de muitos dilemas pois muitas vezes alunos mais pobres valem-se do espaço da escola como fonte na qual são gerados arranjos para sua própria sobrevivência. O isolamento impõe outros desafios: quando isolados, jovens não podem seguir atividades escolares, porque as escolas não as oferecem e, quando o fazem, muitos dos alunos não dispõem de instrumentos para seguir aulas e tarefas. Escola aberta é, especialmente no meio rural, fonte de sobrevivência e, de modo geral, matriz de produção de sociabilidades. Somma-se, além desta dificuldade, o fato de comunidades no meio rural viverem ciclos distintos na produção de sua atividade econômica, aspecto



que pode ter efeitos sobre a adoção do isolamento, ou vice-versa. O isolamento projeta-se também sobre a praia, enquanto área de lazer, ainda a custos modestos. Quando liberadas, ensaia-se o “isolamento setorial”, pois o ambiente da praia é dividido em loteamento, com limites pré-definidos, norma esta não respeitada pelos banhistas. Aglomerações em praças, bares e restaurantes são desfeitas por forças policiais, ou via multas aplicadas aos proprietários. Notícias falsas induzem pessoas a praticar o isolamento como forma de evitar que testagens sobre o vírus sejam feitas, por parte de serviços especializados. Avaliando o baixo impacto dos efeitos do isolamento social, informantes dizem que ele seria mais proveitoso se viessem a ser orientados através de ações unificadas entre diferentes instituições – do presidente aos gestores municipais. Possibilidades de escutas de falas da sociedade são ignoradas ou recusadas, por parte de autoridades; quando instadas, mandam pessoas procurarem “governadores e prefeitos”, conforme “conselho” dado pelo presidente da República a uma mulher que buscava junto a ele possibilidades de ajuda.

Escutas apontam, neste contexto de isolamento, outras percepções sobre o vírus e sua inserção em contextos distintos, como o universo rural. Diálogos entre duas camponesas mostra que seus relatos estão situados em um universo mental distinto, embora guardem alguns fragmentos associativos com outras mensagens em oferta e produzidas noutros contextos. Quando indagada se conhecia o vírus, respondeu: “Ontem na limpeza da casa eu matei um. E vi ele aqui, embaixo do banco, do jeito desta carrapatinha (figura 3). Apertei bem e matei com o meu pé”. E respondendo a uma segunda pergunta, como sabia que se tratava dele, “É que vi ele ontem na televisão, era do jeito deste bichinho aqui” – mostrando uma outra carrapateira, cuja referência seria reproduzida tempos depois, por uma agência nacional de pesquisa agrícola.

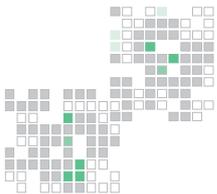
Figura 3 – A carrapateira



Fonte: Site da Agência Embrapa de Informação e Tecnologia – Acesso em 5/10/2020

Nota em conclusão

As imagens exibidas (figuras 1, 2, e 3) resultam de operações feitas em ambientes de laboratórios e apontam diversas associações com o vírus que desfilam no deslocamento de significações atribuídas ao objeto. Também são evocadas por leituras de atores sociais, cujas nomeações vinculam-se a outros planos de significações. Tanto a noção de “cara” atribuída ao vírus, como sua “reconstituição icônica”, construídas pelo ambiente dos laboratórios, distinguem-se das imagens atribuídas pelos discursos populares. Estes tratam de exteriorizar outro nível de materialidade, segundo referências mais próximas a outros imaginários e noções sobre a carrapateira, pequenos vegetais plantados no nordeste do Brasil, e cuja imagem é evocada na tv ou na internet, onde povoam galerias dos bancos de dados, suscitando sentidos. Também são investidas de outras associações interpretativas elaboradas pelos atores sociais. E tal diversidade de referências está em sintonia com a dinâmica de circulação segundo a qual a imagem está lá fora fazendo o seu trabalho... Estas noções de sentidos diversos são aqui ressaltadas pois a questão do isolamento está envolta em uma problemática de diversidades de circuitos de significações os quais merecem ser levados em conta pelas estratégias que defendem sua implementação. As possibilidades de sua efe-



tividade somente podem ser viabilizadas caso sejam levadas em conta lógicas e gramáticas outras, com quem as tradições do “campanhismo sanitário” defrontam-se, mesmo sem decifrá-las. Os apelos pró-contenção dos processos circulatorios do vírus somente poderão ter efeitos caso se arti-

cularem com saberes em cooperação, em torno de matriz comunicacional fundamentada na epistemologia da diferença, bem como valorizando a escuta sobre ecos de trabalho que a imagem está fazendo lá fora. No território da circulação de sentidos.

Referências

- BEIGUELMAN, Giselle. Tempos da peste - Minha casa, meu cenário: a intimidade doméstica ganha espaço inédito na tevê e na internet. In: *Revista Piauí*, n.165, Junho/2020.
- BRAGA, José Luiz. Lógicas da mídia, lógicas da midiaturização. In: FAUSTO NETO, Antonio; ANSELMINO, Natalia Raimondo; GINDIN, Irene Lis (org.). *CIM – Relatos de investigaciones sobre mediaturizaciones*. Rosario: UNR Editora, 2015. p. 15-32.
- CINGOLANI, Gastón. ¿Qué se transforma cuando hay mediaturización? In: REVIGLIO, María Cecilia; ROVETTO, Florencia Laura (comp.). *Estado actual de las investigaciones sobre mediaturizaciones*. Rosario: UNR Editora, 2014. p. 11-23.
- FAUSTO NETO, Antônio. Pisando no solo da mediaturização. In: SÁÁGUA, João; CÁDIMA, F. Rui. *Comunicação e linguagem: novas convergências – Livro de homenagem ao Prof. Adriano Duarte Rodrigues*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2015. p. 235-254.
- FAUSTO NETO, Antônio. *Comunicação & Mídia Impressa – Estudo sobre a AIDS*. São Paulo: Hacker, 1999.
- FAUSTO NETO, Antônio. AIDS e Comunicação: repensando campanhas e estratégias. In: *Informare - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Rio de Janeiro, V.2, N.1, Jan-Jun/1996*, p.113-118.
- GOMES, Pedro Gilberto. *Dos meios à midiaturização: um conceito em evolução*. São Leopoldo: UNISINOS, 2017.
- HARARI, Yuval Noah. *O mundo após o coronavírus*. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Yuval-Noah-Harari-o-mundo-apos-o-coronavirus/4/46887> Acesso em 4 de out. de 2020.
- LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. *La vida en el laboratorio: La construcción de los hechos científicos*, Alianza, Madrid, 1995.
- LUHMANN, Niklas. *Introdução à teoria dos Sistemas*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MORIN, Edgar. Cette crise devrait ouvrir nos esprits depuis longtemps confinés sur l’immédiat. In: *Le Monde*, 20 de abril de 2020. Disponível em <https://seeclg.files.wordpress.com/2020/04/edgar-morin.pdf> Acesso em 29 de jul. de 2020.
- VERÓN, Eliseo. *Le sida, une maladie de d’actualité*. Paris: Causa Re-rum, 1988.

